



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

EDILMA OLIVEIRA DA SILVA

**ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: AS BARREIRAS QUE SE ENFRENTA NA
PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DA VIVÊNCIA DO MEU ESTÁGIO
SUPERVISIONADO II.**

GUARABIRA, PB

2019

EDILMA OLIVEIRA DA SILVA

**ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: AS BARREIRAS QUE SE ENFRENTA NA
PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DA VIVÊNCIA DO MEU ESTÁGIO
SUPERVISIONADO II.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação e formação docente.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira.

GUARABIRA,PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Edilma Oliveira da.

Estágio na formação docente [manuscrito]: as barreiras que se enfrenta na prática pedagógica através da vivência do meu estágio supervisionado II / Edilma Oliveira da Silva. - 2019.

45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Profa. Dra. Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Estágio supervisionado. 2. Prática docente. 3. Desafios na docência. I. Título

21. ed. CDD 371.12

EDILMA OLIVEIRA DA SILVA

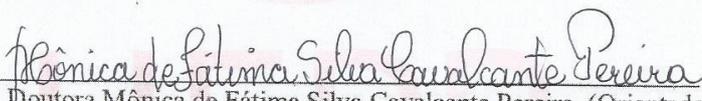
**ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: AS BARREIRAS QUE SE ENFRENTA NA
PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DA VIVÊNCIA DO MEU ESTÁGIO
SUPERVISIONADO II.**

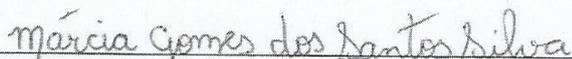
Monografia, apresentada ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

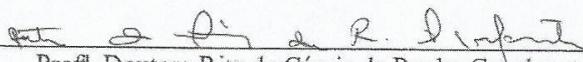
Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação docente.

Aprovada em: 10 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Doutora Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Mestra Márcia Gomes dos Santos Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Doutora Rita de Cássia da Rocha Cavalcante
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais e amigos que sempre me incentivaram. E a princesa da minha vida, minha “sobrinha” Maria Vitória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Pai criador – Deus, pela oportunidade de ingressar no curso superior, o qual eu almejava (Pedagogia), por toda força e discernimento durante o curso. No desenvolvimento dessa pesquisa desde o título, escolha da orientadora, até a conclusão e a banca examinadora. E também a minha mãezinha do céu Nossa Senhora, por interceder a Deus por mim e por está ao meu lado e presente em todos os momentos desse curso e dessa pesquisa.

Ao meu pai Edson Francisco, por todo apoio, cuidado e dedicação em meio a minha educação escolar. Se não fosse pelo seu esforço investindo nos meus estudos (mesmo com dificuldades) e confiança, eu não teria conseguido chegar até aqui.

À minha mãe Ednalva Lima por todo empenho, confiança, dedicação, força, apoio. Por sempre acreditar que eu seria capaz, e por ser presente mesmo distante.

À minha madrastra Sandra Freitas por toda positividade, cuidado, preocupação, pelas palavras de força e motivação.

À minha orientadora prof.^a. dr^a Mônica Pereira por toda dedicação ao longo da orientação e contribuição para o enriquecimento dessa pesquisa e do meu aprendizado enquanto orientanda e aluna no decorrer da minha graduação.

Aos meus familiares na pessoa da minha tia Selma e tia Pê, também meus primos Anthony e Luiz e as primas Samara, Carol e Aline pela torcida, apoio e compreensão por minha ausência, silêncio e até estresse (nos momentos de desespero).

Aos meus avôs, em especial meu amado avô Francisco Alves (*in memoriam*) embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

As amigas Maricélia Teixeira, Laís Martins e Patrícia Gomes que o mundo acadêmico me presenteou, pela força, motivação, companheirismo e apoio.

À minha melhor amiga Elisiane Amorim que é um presente abençoado, por todo carinho, irmandade, preocupação, apoio, força, motivação, acolhimento, por acreditar na minha capacidade e me fazer acreditar em mim mesma.

As professoras e professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram na formação acadêmica ao longo desses cinco anos, por permitir que conheçamos o “mundo” através de seus conhecimentos nas disciplinas e debates. Por contribuir também para o nosso desenvolvimento, enriquecimento de conhecimentos e construção da criticidade.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

As professoras entrevistadas, pela contribuição a essa pesquisa por meio de seus depoimentos, experiências e conhecimento.

Á todos meus amigos e amigas, por toda força, motivação, apoio, preocupação, mensagens de fortalecimento, e pensamentos positivos. Em especial Angélica, Hiago, Emersson, Daniele, Vitória, Jardielly, Jordan, Nathalia, Alexandra, Joyce, Nayara e Wanderley, Jonas e João Sergio.

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho; os homens se libertam em comunhão”.
(Paulo Freire)

ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: AS BARREIRAS QUE SE ENFRENTA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DA VIVÊNCIA DO MEU ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Edilma Oliveira da Silva¹

RESUMO

Essa pesquisa objetiva analisar os desafios enfrentados pelo docente em sua prática pedagógica a luz do que foi visto o componente curricular de estágio supervisionado, enquanto realidade da docência. Analisa a conexão entre a teoria e a prática e, o que impossibilita a reciprocidade entre esses dois eixos, causando sua ruptura no cotidiano docente. Orienta-se pela busca da compreensão da ação do referido profissional, de sua identidade, das crises por ele vivenciadas, da sua didática, e dos obstáculos encontrados em seu processo de ensino para a garantia da aprendizagem dos alunos. Procura-se retirar o peso da culpa do ombro dos professores analisando a situação que provoca entraves e desafios em sua complexidade. Sendo uma pesquisa do tipo etnográfico (pois a fase inicial se deu na época de inserção em campo para observação) e bibliográfica com base teórica e documental, além da realização de entrevistas. Como principais fontes de análise teórica cita-se André (1995/2006), Freire (1997/2006/2014), Rays (1996), Feuerbach (2005), Damis (1996), Marconi; Lakatos (2003), Pereira; e Martins (2002). As entrevistas foram aplicadas a quatro docentes da educação infantil e fundamental I da rede municipal de ensino. Os resultados apontam para a existência de uma dicotomia entre o que está mostra nas leis e nas teorias e o que de fato se efetiva na práxis, o que conduz a conclusão de que existem ainda muitos desafios a serem superados no exercício da docência.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado. Teoria e prática. Desafios.

¹Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: edilma.osilv@outlook.com

ABSTRACT

The following research aims to analyze the challenges faced by the teacher in their pedagogical practice based on what was experienced during the internship discipline, as a reality of teaching. It analyzes the connection between theory and practice, and what makes the reciprocity between these two sides impossible, causing their rupture in the daily routine of a teacher. It is guided by the search for an understanding of the action of that professional, their identity, the struggles they experience, their didactics, and the obstacles found in their teaching process to guarantee the learning of the students. It seeks to remove the burden of guilt from teachers' shoulders by analyzing the situation that causes obstacles and challenges in their complexity, being a research of ethnographic type (since the initial phase occurred at the time of insertion in field for observation) and bibliographical with theoretical and documentary basis, besides the implementation of interviews. The main sources of theoretical analysis are André (1995/2006), Freire (1997/2006/2014), Rays (1996), Feuerbach (2005), Damis (1996), Marconi; Lakatos (2003), Pereira; and Martins (2002). The interviews were applied with four primary and secondary education teachers of the municipal education network. The results point to the existence of a dichotomy between what the Laws and theories say and what actually takes place in praxis, which leads to the conclusion that there are still many challenges to overcome in the exercise of teaching.

Keywords: Supervised internship. Theoretics and practice. Challenges.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Situação problema	12
1.2	Justificativa.....	13
1.3	Objetivo geral.....	16
1.4	Objetivos específico	16
2	DESENVOLVIMENTO.....	17
2.1	Teoria e prática docente.....	17
2.2	Desafios enfrentados pelo professor em sua prática diária.....	20
2.3	Metodologia	26
3	SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA	28
3.1	Pesquisa de campo	28
3.2	Dados da entrevista.....	28
3.3	Entrevista com as professoras.....	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXO — ENTREVISTA COM PROFESSORA (O)	43

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos a educação representa o ponto de partida para o acesso ao conhecimento formal, embora possa contribuir de forma decisiva para formação de valores e atitudes. Mesmo com esta característica, ela tem sido alvo de crítica, desvalorização, bombardeamento, crises, obstáculos entre outros fatores que impedem a sua real execução. Cito como exemplo a imagem atual do setor educacional amplamente difundida nas redes sociais através das chamadas *Fake News*.

Existem dois fatores essenciais e que se configuram como indispensáveis na educação, seja nas leis que a rege, nos projetos pedagógicos, na formação dos professores e execução do ensino, dentre outros campos. São eles a Teoria e a Prática, ambas com seus conceitos (significados) são fundamentais e se complementam. Entende-se por teoria, os fundamentos epistemológicos produzidos no meio científico, sobre a realidade. E por prática entende-se que é a execução de tudo aquilo criado em determinada teoria.

Teoria e prática estão presentes em tudo no que diz respeito à educação. Na formação acadêmica são estudados e debatidos com frequência sobre elas, qual o seu papel, seus fundamentos, objetivos e funções, dentre elas a função de cada membro envolvido, seja eles órgão institucional, governamental, comunidade escolar, docentes e alunado. Dentro das rodas de discussão, no decorrer do curso de licenciatura foi possível estudar sobre os objetivos da educação e sobre seu alicerce e pilares, ficando claro como ela deve funcionar e para quem.

Os ensinamentos sobre educação permitem a construção e ampliação do conhecimento. Ela é transformadora (FREIRE, 1997), pois transforma o ser humano a partir da sua capacidade analítica e interpretativa, podendo este, vir a ser um cidadão crítico construtivo e imune à manipulação. Dada a sua importância, é possível afirmar a necessidade de acesso para todos, e como consequência, da sua necessária universalização. Para Freire “a educação é um ato de amor” e de “solidariedade”. E neste sentido, o primeiro desafio que se coloca para o docente é a capacidade de gostar e de ter entusiasmo constante pela ação docente. A isso Freire chama de “boniteza” do ato de ensinar tudo a todos, porque a educação deve ser universal.

Abre-se aqui um espaço necessário para a seguinte indagação: Se a educação é universal, porque tantos ainda estão à margem? Porque nem todos têm acesso? Porque muitos até têm acesso, mas sem as mesmas condições de permanência? Teórica e legalmente a educação é para todos. A própria Constituição Federal assim determina. Destaco o excerto da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013:

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo. (BRASIL, 2013)

Como posto, de acordo com a lei, na prática, é isso que deve acontecer. Porém, ainda é perceptível que na prática, vários cidadãos em idade escolar continuam fora do contexto educacional. E isto ocorre em todas as modalidades e níveis de ensino, inclusive no ensino superior onde, estatisticamente ocorre o maior gargalho, ou seja, onde há o maior número de pessoas sem o acesso necessário.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

A escola tem uma formação complexa e necessária. Formada pelos docentes, os gestores, pais ou responsáveis, pelos alunos e pelos demais funcionários, tem como principal foco a garantia da aprendizagem escolar através de um processo educacional de qualidade para todos os alunos que frequentam a instituição regularmente. Nesse contexto, percebe-se a importância de tal instituição, sendo esta, inserida em um contexto social um que reside a sua complexidade. Acentua-se aqui a importância da comunidade escolar, ou seja, dos membros que compõem o seu entorno como pessoas fundamentais, haja vista que o reflexo desta, permeia as ações da instituição de ensino local. Ou seja, não é só o professor ou o aluno que participa do meio educacional na escola, tem toda uma equipe junto com eles, sujeitos com voz e possibilidade de intervenção. Esta situação inquieta e gera a seguinte questão: *se a escola pertence à comunidade, se é vinculada e direcionada pelas secretarias de educação, e pelos governos com suas políticas públicas, se é formada por vários membros, que, a princípio, possuem poder de interação, como é que apenas um (o professor) é tido como culpado dos problemas que surgem no cotidiano escolar?*

A figura do docente tem sido vista como alvo quando o assunto é a não aprendizagem dos alunos, por exemplo. Assim, se o aluno não aprende é culpa do professor, se as práticas não estão acontecendo corretamente, se as aulas não condizem com a realidade do aluno é culpa do docente. Por que o professor é o alvo maior?

É preciso ressaltar que o professor tem sido considerado um mero reprodutor do sistema e não aquele que conduz (produz) conhecimento. Mariano Enguita, em seu livro que trata da

desprofissionalização do docente alerta para este fato. Na mesma perspectiva outros autores se colocam:

O que tem ocorrido é uma política de desvalorização do professor prevalecendo as concepções que o consideram um mero reprodutor de conhecimentos, um monitor de programas pré-elaborados, um profissional desqualificado, colocando-se à mostra a ameaça de extinção do professor na forma atual. (PEREIRA; MARTINS 2002, p.113)

Diante do exposto, busca-se aqui analisar os desafios enfrentados pelo docente em sua prática pedagógica à luz do que foi visto no componente curricular de Estágio² Supervisionado II enquanto realidade da docência.

A escola é um campo riquíssimo de conhecimento que tem o poder de transformar o ser humano e é por direito de todos. Nesse sentido, o professor se configura como elemento fundamental. É dele a maior responsabilidade pela inclusão de todos. Como já posto, é ele que sofrerá as cobranças sociais dos que dela fazem parte. Romanowski (2006, p.101) em uma de suas falas sobre a escolarização-escola vem trazer a seguinte reflexão,

O acesso universal é um dos primeiros passos para uma cultura da escolarização, uma sociedade de aprendizagem, em que a escola é a instituição privilegiada na promoção da educação, contribuindo para os processos de desenvolvimento humano. (ROMANOWSKI 2006, p.101)

Diante do seu papel fundamental na formação do desenvolvimento do ser, a escola, e nela, o professor; tem a tarefa de contribuir na formação da criança, de modo a transformá-la em um ser autônomo, crítico solidário e competente. A ideia aqui vai além da formação para o mercado de trabalho. Sobre a importância da educação na formação do ser humano, o filósofo alemão Ludwig Feuerbach no livro “A Ideologia Alemã” faz a seguinte analogia:

A “essência” de peixe de rio é a água do rio; mas essa água deixa de ser sua essência quando se transforma num meio de existência que não mais lhe seja conveniente, isto é, quando o rio sofre a influência da indústria, tornando-se poluído por colorantes e outros dejetos, ou quando navios a vapor por ele naveguem, ou quando suas águas são conduzidas em que simples drenagens podem arrancar do peixe seu meio de existência. (FEUERBACH 2005, p. 72)

Assim acontece com a educação que também possui sua essência. Ela se transforma quando o meio tenta modificá-la (o governo, sistema, programa), não para o seu

² Estágio supervisionado II realizado em uma escola estadual no município de Guarabira-PB. Através da instituição da Universidade Estadual da Paraíba – campus III, do curso de Pedagogia, no semestre letivo 2018.1, realizado no período de 30 de julho de 2018 à 23 de novembro de 2018.

desenvolvimento, mas em prol de si mesma, ou da maneira que lhe apraz, contaminando não só a essência – educação, mas também as repartições que dependem dela para alcançarem seu real objetivo, podendo até ameaçar sua existência. Para Rays (1996, p.35)

É preciso que todo processo formativo sistematizado ofereça ao homem a oportunidade de alcançar a atividade consciente, para que possa transformar a realidade objetiva que o oprime. Daí a importância da união da teoria e da prática nos processos formativos escolares. (RAYS, 1996, p.35)

Esse trabalho parte das inquietações provocadas pela vivência prática no decorrer do componente curricular de Estágio Supervisionado, a partir do confronto entre as teorias estudadas e a experiência prática. Tal confronto fez surgir a questão norteadora deste trabalho, a qual sintetiza as questões anteriores, *quais os desafios práticos que se colocam para o professor no cotidiano escolar impedindo essa reciprocidade?*

1.2 JUSTIFICATIVA

Como já exposto, a inquietação que fez gerar esta pesquisa surgiu na experiência vivenciada no componente curricular Estágio supervisionado, mais especificamente no confronto gerado entre a teoria estudada e a prática observada. Neste sentido, cabe aqui partir do relato de experiência, pois ele expõe as inquietações e servirá como base de análise para as etapas seguintes, a saber:

Antes de ingressarmos na universidade criamos expectativas que permeiam o nosso imaginário. Imaginamos a existência da perfeição no ensino (método), imaginamos que o meio universitário seria como a educação dos sonhos, onde o avanço de conhecimento estivesse superior assim como é chamado “curso superior”. As expectativas ora se confirmam, ora são frustradas. Um fato que salta aos olhos é que nem sempre se cumpre o que a ementa diz ou até mesmo é apresentada, que o aluno e professor se ajudem e compartilhem conhecimentos (isso acontece com suas exceções), cada caso é um caso. E em alguns casos, infelizmente o aluno (graduando) é visto como um depósito, o que “foge” da ideia da criticidade e que o homem seja quem for é produtor de conhecimentos.

Na educação básica, o professor fala e os alunos fazem e recebem, tem situações que se forem dialogar tem que condizer com o ideal daquele certo docente. O que me faz lembrar o meu ensino fundamental, que ementa só existia no papel e bem guardada e a liberdade de expressão, nem sempre é tida como liberdade.

Após vem o segundo choque, no meio universitário “tudo” é perfeito, a educação é linda, e se o aluno não aprende é culpa do professor, se não tem inovação nas aulas o docente que é tradicional e não busca a mudança, nem elabora novas atividades, dentre outros questionamentos. Mesmo que o conhecimento abordado seja fruto de pacotes

direcionados pelo governo, mesmo que a família falhe no acompanhamento e na ausência de influência positiva para a educação e na transmissão desse conhecimento; o alvo maior é o docente. Há de se acentuar que infelizmente alguns docentes especialistas, mestres, doutores ainda tem esse pensamento (possa ser que nunca tiveram a oportunidade de estar numa sala de aula de uma unidade básica).

Quando o aluno sai da universidade para a realidade esse pensamento é distorcido. O estágio é fundamental na vida acadêmica do graduando. De acordo com Marli André (2006, p.133) “Só nas fases mais adiantadas do estágio é que se iria recorrer ao exercício de reflexão sobre a própria prática.” No estágio é onde começamos a conhecer de maneira mais aprofundada essa realidade, que é tida pela a maioria como assustadora (falo por mim e por relatos que já ouvi de colegas) que o curso de pedagogia é ótimo mesmo com suas falhas, mas que o estágio não é. O que acontece do lado de fora? Por que a realidade é tão diferente daquilo que estudamos na universidade? A resposta que se torna consenso, é que quase nada da teoria é posta em prática, que teoria é quase tida como utópica, que escola não se adequa a realidade do aluno, que o professor não é o vilão da história, que nem sempre o professor não quer sair do tradicional, algumas vezes ele não consegue sair por causa dos meios, dentre eles o meio social, os programas impostos pelo sistema, a família e o governo. Quando estagiei pela primeira vez em uma creche tive o primeiro choque em meio ao estágio. Pensei que seria como havia estudado, como teóricos diziam ou pensavam (pensam) que era executado. “Criança tem que ir para escola (creche) para brincar”, “aprender brincando”, “tem todo um cronograma, plano pedagógico que são seguidos e elaborados de acordo com a realidade da creche.”

Não é bem assim, durante a tarde as crianças dormiam (grande parte da tarde, o que dificultou nossa intervenção e observação) tomavam banho, comiam e ficavam sentadas esperando que os pais chegassem. Toda quinta-feira quando chegávamos era assim. As festividades da creche para as crianças não faziam sentido, pois não era passado para elas o verdadeiro sentido daquela comemoração.

O brincar durante a parte da tarde não existia (pelo menos nos dias em que minhas colegas e eu íamos estagiar), a brinquedoteca era fechada. Na entrevista com a gestora tudo era perfeito e saía bem, em conversa com as professoras elas relatavam que pela manhã as crianças faziam atividades, falavam também das dificuldades existentes na creche e na questão de materiais, que na maioria das vezes tinham que tirar do bolso para fabricar materiais pedagógicos, e não tinham tempo de elaborar, pois entravam na escola as seis e meia e só saíam às 16h30minhs – 17h00minhs, quando chegavam em casa não tinham mais tempo, nem disposição para “nada”. Foi impactante a realidade daquela sala, crianças e das professoras.

Fazendo ligação com o estágio supervisionado II a realidade não mudou, a única diferença foi que o impacto foi maior, é tanto que influenciou essa pesquisa. O modo tradicional, crianças sentadas em filas, o método praticamente o mesmo do meu fundamental I, a sala de terceiro ano com 27 alunos, entre eles 04 meninos com necessidades especiais e também com crianças que não sabiam ler, só sabiam escrever o nome e retirar do quadro.

Com uma prática totalmente tradicional a professora buscava dar o máximo de atenção às crianças, ia até a mesa do aluno explicava quando não estavam entendendo, ao mesmo tempo em que tentava alfabetizar aquela criança que não sabia ler. Eis um desafio para aquela professora: dar conta de uma sala numerosa, com alunos totalmente diversos em termos de conhecimento e com alunos com necessidades especiais, sem o menor apoio pedagógico! Tal situação me deixou pensativa ao mesmo que impactada com aquela realidade.

Quando minha colega de estágio e eu fomos aplicar a regência, tivemos dificuldades, pois as crianças não tinham o costume de sentar no chão durante a aula, de aprender brincando, responder sem ter o medo de errar e não conseguir prestar atenção e ter coletividade. Elas eram acostumadas ao tradicionalismo, vez ou outra perguntava que horas iam começar a estudar, se não ia ter aula, e que não queriam participar.

Em um determinado dia em conversa com a professora da turma ela falou sobre a dificuldade que era lecionar nos dias atuais, a questão da ausência da família e também da estrutura familiar que influencia no comportamento do aluno em sala de aula. Da carência da escola (falta de materiais necessários para uma aula diferente), “ausência” do governo, falta de motivação dentre outros fatores. Nesse mesmo dia conversamos com ela sobre o próximo conteúdo a ser trabalhado e ela nos orientou: deveríamos trabalhar verbos. O que me fez pensar mais uma vez onde ficava a realidade do aluno? Se estes muito mal sabiam ler e escrever (e muitos não sabiam, como e para que trabalhar verbos?). Comecei a enxergar o quanto o professor é subjugado, mesmo que inconscientemente a um sistema e currículos pré-estabelecidos. Situações como esta se colocaram como obstáculos que impediam a teoria que vemos na universidade ser colocada em prática, tanto na sala de aula como na escola.

Uma análise do relato acima faz ver que há uma lacuna imensa entre o que se vê na universidade e o que a prática demonstra. O professor crítico, a educação centrada na realidade dos alunos, o apoio cognitivo, a adequação curricular, o projeto pedagógico voltado para a aprendizagem significativa; tudo isso dava espaço para a existência de uma prática vazia, oca, totalmente desvinculada da realidade, sem compromisso com a transformação social. Tudo isso conduz à necessidade de pensar sobre o que tem transformado a escola neste lócus de desafios. Porque essa dicotomia? O que o professor deveria superar em sua prática para alcançar a educação ensinada nas universidades?

1.3 OBJETIVO GERAL

- Analisar os desafios enfrentados pelo docente em sua prática pedagógica à luz do que é visto no componente curricular Estágio Supervisionado II enquanto realidade da docência.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Relacionar teoria e prática docente;
- Expor os desafios enfrentados pelo professor em sua prática diária na escola;
- Mostrar como o professor coloca em ação a teoria pedagógica;
- Contextualizar a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula;
- Definir o perfil dos professores que atuam na rede municipal de ensino;

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 TEORIA E PRÁTICA DOCENTE

Não existe teoria sem prática ou prática sem a teoria, ambas precisam estar conectadas, presentes e aperfeiçoadas tanto na formação como no cotidiano do docente. Marli André traz a seguinte reflexão sobre a importância da teoria e da prática na formação inicial.

[...] no início da docência podem ser recuperadas muitas práticas vividas na formação profissional, é preciso utilizar, na formação inicial, uma metodologia presidida pela pesquisa, que leve à aprendizagem da reflexão educativa e que vincule constantemente teoria e prática. (ANDRÉ, 2006, p.124).

É necessário que o elo entre a teoria e a prática esteja presente desde a base – formação inicial, pois ela influencia no crescimento pessoal do aluno, na construção dos valores e conhecimentos. A formação é o movimento em que o profissional docente começará a conhecer o meio para onde almeja ir, a formar e a desenvolver ideias, metodologia através dos conhecimentos teóricos adquiridos.

A práxis docente passa por transformações contínuas, não sendo neutra. Para Damis (1996, p.10) “[...] ‘a não-neutralidade’ da prática pedagógica evidencia a relação entre caráter social-individual da educação escolar. ” É uma prática direcionada ao meio social do aluno, as suas necessidades e na desenvoltura da construção do eu-crítico.

Em outras palavras, não sendo neutras, a teoria e a prática de uma forma de ensino articulam as finalidades individuais de educação do homem a um modelo de sociedade, por meio da atividade de quem ensina, de quem aprende, de como se ensina e dos meios utilizados, e contribuem para a manutenção-superação da prática social mais ampla. (DAMIS, 1996, p.10)

Afirma-se, portanto, que a prática é um processo de construção e desconstrução. Se a didática aplicada em sala não condiz com a realidade da turma à medida que não haja acompanhamento (entendimento) dos educandos, é possível que o professor, possa desconstruir aquela prática e através do conhecimento que tem sob a turma, é fundamental construir outra.

De acordo com a autora:

[...] é na problematização da realidade que se originam as questões a serem perseguidas e é com base nelas que são escolhidos métodos de trabalho e de técnica de coletas de dados – o que requer um aprendizado de observação e análise da realidade. (ANDRÉ 2006 p.125)

Formada por realidades mistas, na sala de aula se aglomeram crianças, jovens e adultos, com objetivos diferentes, pensamentos, educação familiar, e ritmo de aprendizado diferenciado. Que acarreta a diversidade, que é normal e deve acontecer, além de ser bom para troca de experiências. Essa heterogeneidade também pode levar a problemáticas.

A problematização é uma das fases que conduz o docente a usar o método reflexivo (prática reflexiva-humanizada) em que a realidade grita mais forte. Para solucionar a problematização o docente busca novas práticas e teorias que possam contribuir para solução da problemática.

O que acarreta mudanças na metodologia, a qual ocorre em passos lentos, visto a mudança no plano de aula do docente, o que requer um período de reflexão e análise dos dados levantados pelo professor, sobre a turma, o método aplicado anteriormente e sobre a problematização. De onde está vindo o erro? Na prática? No conteúdo? No método? No docente e/ou no aluno?

Segundo Marli André (2006, p. 133), existe uma boa quantidade de autores que “na literatura educacional vem propondo a prática profissional refletida como um caminho eficaz na melhoria do trabalho docente”. O que confirma o que a maioria dos autores dizem em relação à escola ser reflexiva, e a educação é humanista e não mecânica. Porque a educação é formada por pessoas, e pessoas são formadas por sentimentos, dentre eles o amor.

O amor que pode ser expresso, transmitido ou apenas sentido silenciosamente deve estar diariamente na vida do docente, sentido por cada educando de maneira diferente, como falei algumas vezes a mostra, outras vezes guardados e em outros oprimidos. Segundo Paulo Freire,

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. (FREIRE, 2014)³

³ A referência mencionada encontra-se sem paginação, mas o texto está disponível em FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Ed. Paz e Terra, 6 de janeiro de 2014. Disponível em Google acadêmico, https://books.google.com.br/books?id=arzNAgAAQBAJ&dq=Livro+educa%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7as&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s acesso em: 01/05/2019

Consequentemente teoria e prática devem se complementar e serem regadas de amor, de humanização assim podendo adquirir bom resultado na sua elaboração e aplicação, isso seja na formação e cotidiano do docente, na elaboração de um Plano Político Pedagógico, na elaboração de leis benéficas a educação, o que se configura como um grande desafio para o docente.

Dentre os outros principais desafios da educação que se colocam para o professor, destaca-se a necessidade do diálogo, tanto entre docente e aluno, pais e professores, comunidade escolar, juntamente com os órgãos que regem a educação. Esse diálogo também deve existir entre a prática e a busca pelo conhecimento (teoria).

Oswaldo Alonso (1996, p.36) relata que “Isolar, portanto, a teoria da prática e a prática da teoria é privar o homem de sua capacidade de agir conscientemente e historicamente”. Para o homem que é um ser em constante mudança, formador de ideais é fundamental na prática docente a reciprocidade teórico-prática, a sua contribuição no desenvolvimento crítico-construtivo do ser, é essencial. Assim como na construção da prática produtiva do docente e em sua formação. Aplicadas de forma adequada são capazes de produzir, desenvolver e organizar as ideias essenciais na formação do docente e consequentemente em sua metodologia.

Há de se pensar que nem sempre a ligação teórico-prática embasa a práxis docente e não existe uma causa específica para essa afirmação. Por vezes envolve as forças políticas, sociais, econômica, familiar, entre outros, o que pode levar a uma inversão, paralisação, mecanismo ou regressão no processo de desenvolvimento no aprendizado sociocultural, econômico e/ou crítico do aluno. Outras vezes, o que subjaz é a própria descrença do docente na necessidade de embasamento teórico e isto é fruto de uma formação puramente conteudista. Neste sentido, há uma ruptura anunciada: se o docente é conteudista e não entende a importância da teoria enquanto base para a sua prática, privilegia-se uma prática puramente reprodutora.

Para Rays (1996, p.41) “a separação da teoria e da prática no processo formativo escolarizado subtrai ao educando a possibilidade de desenvolvimento integral de suas potencialidades”. O que seria um regresso no processo de formação docente e no desenvolvimento educacional.

É necessário um olhar abrangente sobre o todo que faz parte do processo educacional, passando pelo governo até a sociedade, analisando todas as portas e janelas existentes até chegar a um dos núcleos mais importantes que é a sala de aula e seu cotidiano, para assim ter uma transformação e conexão entre a teoria e a prática.

É um nível mais profundo da explicação da prática escolar que leva em conta sua totalidade e suas múltiplas determinações, a qual não pode ser feita nem abstrata nem isoladamente, mas com base nas situações do cotidiano escolar, num movimento constante da prática para a teoria e numa volta à prática para transformá-la. (ANDRÉ, 1995, p.44)

Teoria e prática devem se articular tomando por base a realidade da escola, considerando, que por mais que seja um ciclo constante, ela não é homogênea. Como Marli André diz, ela não é isolada, é exposta e com sua heterogeneidade envolve todo o ambiente escolar. Que por vez é fundamental ser conhecido e analisado em sua realidade, para que através da reflexão crítica, comece a surgir práticas adequadas que possa levar a transformação do meio.

2.2 DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR EM SUA PRÁTICA DIÁRIA

Como visto até o momento, alguns desafios que se colocam para o professor no exercício da *práxis* docente, têm a ver com a vinculação teoria, prática e realidade educacional, e nesse contexto, a conexão com as famílias e a comunidade são essenciais. Entender as diferentes realidades que compõem o entorno da escola, entender as subjetividades, definir o papel da escola enquanto meio de contribuição para a transformação social, são pontos fundamentais que devem ser abordados em seu interior como fundamentais. Por outro lado, é necessário que a sociedade volta-se para o professor com um olhar reflexivo, sem julgamentos ou condenação; buscando compreender suas limitações e possibilidades. Essa observação é importante, num período de julgamentos e de *desprofissionalização* do docente, conforme presenciamos diariamente nos discursos veiculados principalmente nas redes sociais.

A motivação e apoio aos docentes são essenciais para o professor em meio ao caos de desvalorização, desmotivação, que tem gerado problemas de saúde e cansaço mental (Brzezinski, 2002) Alguns dos grandes problemas vivenciados pelos docentes e que podem ter a contribuição da sociedade, serão analisados na sequência:

➤ Evasão Escolar estudantil

É fato que a evasão escolar tem aumentado nos últimos anos, iniciando no ensino fundamental, com índice de desistência maior no ensino médio. Os dados do IBGE (2017) mostram que,

[...] o atraso escolar se inicia no ensino fundamental. Em 2017, 95,5% das crianças de 6 a 10 anos estavam nos anos iniciais do fundamental, enquanto 85,6% das pessoas de 11 a 14 anos de idade frequentavam os anos finais. Nessa faixa etária, 1,3 milhão de pessoas estavam atrasadas e 113 mil estavam fora da escola. O atraso e a evasão se acentuam na etapa do ensino médio, que idealmente deveria ser cursada por pessoas de 15 a 17 anos. Para essa faixa de idade, a taxa de escolarização foi de 87,2%, porém a taxa ajustada de frequência escolar líquida foi de 68,4%, indicando quase 2 milhões de estudantes atrasados e 1,3 milhão fora da escola. (IBGE, 2017)

Independente da fase que o aluno esteja seja na educação infantil, fundamental ou médio, o número de alunos fora da escola é preocupante, tanto no quesito da construção de identidade quanto a da daquelas que já foram construídas (alicerçadas) na educação infantil, como também na produção (desenvolvimento) do conhecimento. O problema atinge não apenas o aluno, mas também o docente, cuja competência passou a ser mensurada e determinada por estatísticas. Assim, se o aluno evade e fracassa, os condicionantes sociais que influenciam nesta desistência deixam de ser levados em conta. A escola passa a ser a grande responsável, e dentro desta, o professor.

Cito aqui, como exemplo, o desafio para os docentes, a alfabetização dos alunos num ciclo de três anos como regra e meta a ser cumprida. Trata-se de um desafio porque como posto anteriormente, existem os condicionantes sociais. Cita-se como um dos exemplos, que boa parte dessas crianças só ingressam no contexto escolar aos seis anos e o fazem sem a menor base didática. Diferentemente das crianças que têm acesso a uma base cultural educacional bem estruturada, e que possuem mais condições de infraestrutura para alcançar tal objetivo no tempo estabelecido. O fato é que a regra vem para todos, em detrimento de tais especificidades. Sobre isto cabe destacar que

O Parecer CNE/CEB Nº 11/2010 publicado no D.O.U no dia 9/12/2010 e a Resolução CNE/CEB Nº 07/2010 de 14 de dezembro de 2010 recomendam enfaticamente que os três primeiros anos do Ensino Fundamental seja organizado em um único ciclo pedagógico, mesmo para as escolas que praticam o sistema seriado, o que significa dizer que nesses anos iniciais do Ensino Fundamental não haverá retenção dos alunos⁴.

⁴A referência mencionada é a explicação da RESOLUÇÃO Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2010 homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, na Definição Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Art. 8º, deste parecer encontra-se na seguinte referência: BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 4/2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Diário Oficial da União, 14 de jul. de 2010, Seção 1, P.824 e a referência desta explicação se encontra no blog da Consultora Educacional Prof.ª Sônia Aranha no link: <https://www.soniaranha.com.br/abolida-a-retencao-nos-primeiros-tres-anos-do-ensino-fundamental-de-9-anos/> acessado em: 02/05/2019.

Tal Parecer em consciência com o Plano Nacional da Educação 2014-2024, que além de enfatizar o disposto expõe uma data limite para seu cumprimento. Há, portanto, uma necessidade de mudanças no currículo, para que o professor consiga contribuir no desenvolvimento dos alunos, focando na criticidade e na diversidade cultural, esse parecer objetiva o progresso da criança no seu processo educacional – reflexivo e na construção de conhecimentos.

Partindo do proposto para o exposto, ou seja, para a realidade praticada, aparentemente há uma ruptura entre a teoria e a prática, que corrompe o aprendizado, não alcançando seu objetivo e acabando por prejudicar o educando e também o professor em sua prática. E esta ruptura é, em geral, provocada por inúmeros condicionantes externos a instituição escolar, que não podem ser controlados pelo docente; o que provoca um afastamento entre o que se propõe e o que dá para ser realizado. Sobre isto, exponho abaixo anotações do Estágio supervisionado II, as quais ajudam na análise do que foi exposto até aqui.

No meu estágio supervisionado II, pude vivenciar o relato da professora da turma onde estagiei e ver a realidade da qual ela estava falando. Na turma de terceiro ano havia crianças que não sabiam ler, mal sabiam escrever, apenas retiravam o que estava escrito no quadro, o que era triste, pois víamos em seus olhos a decepção por não acompanhar o coleguinha do lado e por não entender o assunto. A maneira como elas se viam demonstravam que sua autoestima estava seriamente comprometida. Algumas crianças diziam que eram “burras”, que não sabiam de nada, e que nunca iam aprender.

Por mais que a professora fosse até a carteira, explicasse e perguntasse se ele estava conseguindo, tentasse levantar sua autoestima quando dizia que ele (a) ia conseguir que ela estava ali para ajudar..., até nós mesmos dizíamos que não eram para pensar assim que eles eram inteligentes, parecia que tinha uma barreira que os impediam ver e continuar.

Era possível identificar situações de estresse infantil onde as crianças roíam a ponta da tampa do lápis, outras ficavam batendo devagar o lápis na cabeça ou na mesa, ao mesmo que ficavam inquietos na cadeira, chegando a levantar e ir à mesa do colega olhar o que estava fazendo, a maneira como faziam e às vezes iam e acabavam ficando para conversar.

A professora nos relatou a dificuldade que tem o aluno que sai de uma série para outra sem saber ler, o acompanhamento nos assuntos, à dificuldade em responder as atividades, e desmotivação. Isso deixa claro o quanto são prejudicados. A professora confirmou dizendo que o maior prejudicado era eles que no próximo ano na série seguinte se não acompanhassem, nem progredisse, iam ser reprovados, pois do quarto ano em diante pode haver retenção. Ao procurar saber o motivo das dificuldades dos alunos, a professora elencou vários: 1. Entrada tardia na escola, sem nenhuma base pedagógica anterior; 2. Problemas de cunho familiar; 3. Déficit cognitivo; 4. Ausência total de acompanhamento e complementação no contra-turno; etc.

É possível afirmar, dentre outras coisas, a necessidade da construção de meios, métodos, investimentos, formação dos docentes, diálogo com os familiares e alunos, no sentido de que haja uma divisão de responsabilidades, retirando do professor o status de grande responsável pelo fracasso do aluno. Tal necessidade requer a colaboração de todos, enfatizando a importância de que todos se sintam co-responsáveis pelos resultados alcançados. Essa colaboração tem que se estabelecer, principalmente, no interior da escola, onde todos precisam entender a sua responsabilidade e primar por seu cumprimento.

Mesmo com conhecimento de que apenas as notas em testes padronizados não são suficientes para avaliar o real aprendizado do aluno, a sua aprovação para a série seguinte sem ao menos saber ler e/ou escrever, prejudicará posteriormente, dificultando sua base no processo de aprendizagem. A intenção de não oprimir o aluno que reprovou é ilusória, pois no próximo ano na turma que conseguiu desenvolver aquele aprendizado, o educando que não conseguiu se sentirá tanto oprimido, como envergonhado, inferior às outras crianças e desmotivado.

Desmotivação gera desgaste psicológico, atraso nas atividades e no desenvolvimento, desinteresse para ir à escola – só vai para não levar falta e porque os pais obrigam, e obrigados a estarem no lugar indesejado, fazem “tudo” para chamar a atenção da turma e do professor (a), o que provoca mais um grande desafio para o docente. Não é uma situação fácil para o aluno e também para o professor, porém não é impossível a sua superação, com a determinação e união do todo fica mais fácil de lidar com a situação e encontrar soluções.

Imaginemos uma sala de terceiro ano com aproximadamente 45 crianças, diferentes identidades, culturas, umas com base familiar, enquanto outras com total ausência dessa base (familiar). Uma turma em que 20 crianças aprenderam a ler e escrever, enquanto que 25 delas tiveram dificuldade em prosseguir e precisam de uma atenção a mais, mudança na prática pedagógica, no método usado pelo docente. Uma análise de tal situação demonstra o grau de dificuldades enfrentadas pelo docente e a urgente necessidade de repensar a organização escolar. É evidente que tenha cobranças, porém é necessário um olhar amplo e reflexivo diante da situação, sentar e dialogar, analisar o que está acontecendo tanto com o aluno, como com o docente, discutindo sua realidade e dificuldades, ao mesmo tempo como comunidade (juntos) buscando meios e práticas para superar essa dificuldade.

➤ **Crise identitária docente**

Os processos de mudança sociocultural que vivemos hoje afetam o ensino e os docentes, à medida que se tenta refletir sobre a aspiração de conseguir para os professores uma situação profissional análoga à das profissões liberais, num momento em que eles passam por um questionamento de seus clássicos espaços monopólicos e privilegiados, ocasionado pela escolarização em massa e pela nova estrutura do mercado de trabalho. (BRZEZINSKI 2002, P.115)

No item anterior, buscamos mostrar que ser professor nos dias atuais é um desafio diário. Outro desafio a ser elencado diz respeito às diferentes interações que se estabelecem em meio à era digital em que a tecnologia torna-se mais presente na vida da criançada. Esse fato modifica as relações sociais, as formas de ver e pensar o mundo e tudo se torna muito volúvel, ou líquido (Como diz Bauman, 1999). Na sala de aula, os reflexos destas mudanças exigem nova postura do professor, que agora tem como desafio a adequação constante às novas demandas, principalmente em relação ao conhecimento. Ao mesmo tempo em que vivenciamos um maior desenvolvimento tecnológico, presenciamos o fortalecimento de outros grandes desafios como: famílias desestruturadas, violência dentro de casa que chega até a escola, agressão verbal e física ao professor, dentre as ameaças, tanto de aluno como de famílias que acarreta violência psicológica ao docente.

Cobranças e julgamentos exacerbados, mudanças repentinas no currículo, falta de autonomia na elaboração do plano pedagógico e da prática em sala, ausência de acompanhamento, incentivo, de formações continuadas em meio à realidade que ele se encontra, falta de interesse do alunado, medo de expressar (falar) as dificuldades, o modo em que se encontram, entre outros fatores.

Aliado a tudo isso, o Brasil atual vive em meio a um caos, uma crise de paradigma na educação que atinge a escola nas áreas: econômica, social, política e estrutural. A crise na educação cria raízes e atinge a figura do docente. Estes, de forma complexa criam raízes para sua própria crise, incluindo riscos, medos, saúde abalada, incertezas, desmotivação, além da aparente perda da identidade. Há indícios que conduzem a problemas graves como a possível extinção dos docentes, a falta de investimento, dentre outros. As políticas governamentais têm forte influência nesta crise. Para Pereira & Martins (2002, p.114)

A partir da década de 90, as políticas governamentais vêm promovendo o congelamento salarial, bem como a sua redução, retirando uma série de vantagens, e conquistas da categoria, obtidas ao longo da vida profissional, não a implementação de plano na carreira docente, diminuído as verbas destinadas a educação, o que vem repercutindo nas condições de trabalho que se tornam muito precárias. (PEREIRA; MARTINS 2002, p.114)

A desvalorização governamental do docente se traduz no baixo salário, nas verbas que têm sido gradativamente diminuídas, o que é esclarecido quando nos deparamos com as condições precárias de trabalho em que são encontrados os professores, também as instituições, o ensino, e alunos sejam eles de escolas municipais ou estaduais. Algumas das vezes o docente tem que comprar materiais com seu próprio dinheiro para aplicar em suas aulas, ou “*fazer milagre em sala por falta de recursos*”, como relatou uma das professoras de estágio I⁵, uma vez que em grande parte do ano, ela e a outra professora se reuniam para comprar materiais, como folhas, lápis, cola, EVA, tintas guache entre outros.

Para Brzezinski (2002 p. 117), Villa (1998) os desafios em meio ao que os docentes estão passando hoje, é uma realidade no processo do sistema educacional espanhol que corresponde com a realidade no Brasil. Os docentes enfrentam em seu cotidiano desafios incalculáveis, que contribuem na crise de sua identidade. Segundo Villa (1998) seguem posteriormente alguns desses *desafios*:

1. preocupação, por parte do professor, mais com o “como” ensinar do que com “o quê” ensinar [...]
2. baixo prestígio da profissão docente, que leva à marginalização do professor [...]
3. falta de fortalecimento da construção do conhecimento [...]
4. alto índice de doenças físicas ou incapacidades psicológicas [...]
5. [...] falta de atratividade para as gerações mais jovens de quaisquer classes;
6. súbita necessidade de aumento do número do professorado em virtude da maior demanda de mão-de-obra [...]
7. meio escolar não evolui com a mesma rapidez das mentalidades e dos costumes do meio social;
8. falta de clareza do papel da escola no projeto da sociedade, deixando vagos os objetivos, os programas e os métodos de ensino;
9. insistência no recurso à inteligência e a autonomia dos alunos, que modifica a noção de respeito devido ao professor, à disciplina, ao trabalho, à influencia educacional e à autoridade.

Acrescento aos desafios citados pelo autor os que seguem, a partir das observações realizadas no período do estágio:

1. Desmotivação.
2. Carência de respeito com o docente, tanto familiar como aluno professor.
3. Ausência da autonomia em sua prática e tomada de decisões.
4. Discriminação profissional.
5. Falta de interesse dos alunos.

⁵ Estágio supervisionado I realizado em uma creche municipal no município de Guarabira-Pb. Através da instituição da Universidade Estadual da Paraíba – campus III, do curso de Pedagogia, no semestre letivo 2017.1, realizado no período de 22 de março de 2018 a 07 de junho de 2018.

A quantidade de desafios e dificuldades enfrentados pelos docentes são maiores que os motivos para continuar, são fortes influências para desistir e para perda do eu profissional. Em meio a esses bloqueios, os professores precisam buscar forças e métodos para superá-los, se se submeterem a desmotivação e embarcarem nesse navio esperando ele naufragar, não haverá nem superação, nem melhoria e essas barreiras não serão quebradas.

2.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata de uma ação etnográfica que envolveu inicialmente a observação participante que resultou na construção do relatório já exposto na primeira parte deste artigo. Na sequência foi uma pesquisa bibliográfica que favorece um conhecimento e entendimento em relação ao do assunto pesquisado, seja em livros, revistas, artigos acadêmicos entre outros. Para Marconi; Lakatos (2003):

Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI; LAKATOS 2003, p.183)

Ainda retomando a fase inicial, quando da realização do ingresso em campo, tanto enquanto aluna por estar em fase de estágio, quanto com o olhar de pesquisadora, cabe citar que em tal fase foi possível buscar respostas, dados concretos e desenvolver conhecimento sobre o tema estudado de acordo com os relatos de experiências da realidade do docente. Essa etapa teve por base a experiência e observação sobre os docentes, como também no desenvolvimento do marco teórico, onde foi pesquisado em obras relacionadas ao assunto. Segundo Marconi; Lakatos (2003, p.237) “a pesquisa de campo possibilita o desenvolvimento de sua capacidade de coletar, organizar e relatar informações obtidas e mais, de analisar e até de interpretar os dados de maneira lógica e apresentar conclusões”.

A observação participante foi importante, sendo uma fonte de dados para o pesquisador “Os contatos diretos, pesquisa de campo ou de laboratório são realizados com pessoas que podem fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis.” (Marconi; Lakatos 2003, p.159). Nesta etapa, como já mencionado, inicialmente buscou-se analisar as dificuldades e os desafios encontrados pelos professores no cotidiano escolar durante o período de desenvolvimento da disciplina de Estágio Supervisionado II. De acordo com os autores “a observação participante é uma ‘tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado,

tomando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles". (2003, p.193)

A terceira fase tratou da aplicação de entrevistas. A entrevista foi um instrumento necessário, pois encaminha o pesquisador a descobrir histórias de vida em meio à realidade do entrevistado e da pesquisa, a levantar dados verídicos e analisar as diferenças e correspondências entre os teóricos e a realidade da prática.

A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras. (MARCONI; LAKATOS 2003, p.196)

Como peça essencial para essa pesquisa, a entrevista possibilitou uma enxurrada de conhecimentos de suma importância e essenciais para o desenvolvimento e valorização desse trabalho. Tratou-se de uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas, em que o docente teve a liberdade de expressar sua justificativa e o ensejo de depor acontecimentos que guardavam para si. Houve êxito aplicação do instrumento e superação de expectativas em cada uma das repostas.

A execução da entrevista se deu por meio de uma conversa pessoal, em que foi utilizado gravador de áudio, possibilitando armazenamentos importantes na fala das docentes e consequentemente de toda entrevista e anotações.

Recapitulando, a pesquisa realizada é considerada etnográfica. Cabe citar que o ponto de partida foi à experiência como estagiária na disciplina de Estágio Supervisionado II a partir da inquietação diante da prática docente, seguindo características existentes na etnografia. De acordo com Marli André (1995, p.27) a “etnografia é um esquema da pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade”. Na pesquisa etnográfica está envolvida a coleta de dados relacionados aos valores, às crenças, os hábitos, às práticas e comportamentos de um determinado grupo social, na qual esta pesquisa segue em desenvolvimento.

3 SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

3.1 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi desenvolvida no município de Guarabira no período correspondente ao estágio supervisionado. Na época, vivenciei nas turmas de educação infantil e ensino fundamental I, as dificuldades e os desafios enfrentados pelos docentes à luz do que vivenciamos e estudamos nas disciplinas de preparação de docentes, na UEPB. Após a realização deste estágio e de poder comparar o que se diz na teoria e o que ocorre na prática, tive a necessidade de repetir a observação, desta vez numa turma do ciclo de alfabetização do município de Mari/PB. As observações feitas apenas confirmaram o que já havia sido presenciado no estágio em Guarabira. Aparentemente os problemas, os desafios e a sistemática adotada são os mesmos e merecem análise.

3.2 DADOS DA ENTREVISTA

Participaram como sujeitos da pesquisa 04 professoras, as quais por questão de prevenção do participante tiveram seus nomes mantidos em anonimato, desta forma sendo representadas por D1, D2, D3, D4. Foram aplicadas 07 questões assim divididas: as primeiras questões foram formuladas com o objetivo de fazer um levantamento do perfil dos professores entrevistados. Os dados coletados foram tabulados e serão apresentados na sequência:

Quadro 1 - PERFIL DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

FORMAÇÃO ACADÊMICA	SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA DE ENSINO	VÍNCULO EMPREGATÍCIO	TEMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL
Magistério; Bacharelada em Educação Pública;	Feminino	43 anos	02 a 13 anos	Contratada	18 anos
Magistério; Pós-graduada em Psicopedagogia;	Feminino	45 anos	07 a 10 anos	Efetiva	17 anos
Magistério; Graduada em Pedagogia; Pós-graduada em Psicopedagogia;	Feminino	32 anos	04 a 08 anos	Efetiva	10 anos
Magistério; Graduada em Pedagogia; Pós-graduada em Psicopedagogia;	Feminino	42 anos	06 a 10 anos	Efetiva	19 anos

Fonte: Entrevistas Aplicadas, 2019.

Os dados coletados demonstram que a maioria dos professores são efetivos. Em conversa informal com o grupo houve a confirmação de que este dado é recorrente, ou seja, que a maioria dos docentes realmente é efetiva. Há também um dado interessante que é o tempo de serviço. As professoras entrevistadas têm uma vasta experiência educacional. Não são portanto, iniciantes. Outro dado importante diz respeito à formação. Nenhuma professora é leiga e quase a totalidade é (75%) pós-graduada.

Segue agora a análise das questões direcionadas a cada docente. Para análise das questões da entrevista, adota-se aqui a seguinte sistemática: 1º Exposição da questão na ordem em que ela foi abordada na entrevista, 2º Respostas dos docentes e 3º Análise das respostas. Segue análise.

3.3 ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Quadro 2 - O que é ser professor para você?

D1	Ser professor é um dom. Você tem que gostar da profissão. Apesar de tudo, me sinto bem seguindo esse caminho. É muito gratificante ver o desenvolvimento das crianças. Porque o processo de aprendizagem do aluno nos motiva a continuar, quando aprendem a ler principalmente, pois para mim tenho como resultado do meu trabalho.
D2	É uma profissão que requer de você muito esforço, conhecimento, dedicação, compromisso e responsabilidade para conduzir nossos alunos, nesse processo de aprendizagem.
D3	É um prazer ser professora, eu gosto. Apesar de ser um trabalho difícil. É prazeroso você ensinar aquilo que sabe, como também aprender com eles e quando você não sabe, vai em busca de fontes que te levam a aprender mais. É muito gratificante ver o aprendizado das crianças. Muitas crianças chegam sem saber pegar no lápis, quando você percebe já estão escrevendo o nome e lendo. E fora quando se tem um aluno “portador” de alguma deficiência, ou problema. Ajudar nesse processo e ver que houve progresso é satisfatório. <i>Então para mim, ser professora é ensinar com amor e receber o aprendizado deles.</i> A gente na sala é mais que professor, <i>é mãe, é aquela que vai escutar, ajudar, aconselhar é psicóloga, cuidadora, amiga.</i>
D4	É muito mais que exercer uma profissão, requer compromisso, exige esforço e empatia e acima de tudo dedicação. <i>Ser professor vai além das possibilidades.</i>

Fonte: Entrevistas Aplicadas

Podemos perceber por meio da análise, que ser professor no atual contexto, vai muito além de um mero profissional, requer muito de si, impõe renúncias e adaptações, como mencionado pelas entrevistadas. Evidenciando que a docência exige responsabilidade, compromisso dentro e fora da escola, dedicação constante e amor. Como diz Paulo Freire na Pedagogia da Esperança, a educação é, sem dúvidas, um ato de amor e de solidariedade, pois

envolve compromisso com a transformação social. Diante disso, essa profissão é muito mais que ensinar sobre um determinado assunto. O docente na sala de aula que investigado na pesquisa, em determinadas circunstâncias faz o papel materno, de psicólogo, de um amigo, de um cuidador. Para Brzezinski (2002, p.139)

O professor não é alguém que domina certas habilidades, fazeres predeterminados e sua profissão, como afirma Villa (1998) referindo a Herrerías, o professor não se limita a um conjunto de conhecimentos específicos que serão aplicados à situação de trabalho, mas esses conhecimentos devem ser enriquecidos *para além do saber fazer em outras duas dimensões profissionais: a pessoal e a sociocultural. Trata-se, pois, de adquirir certa mestria, entendida como experiência de retroalimentação, de saber o que fazer, porque e como, de forma justificada e concreta, em qualquer situação, sempre sutilmente diferente de qualquer outra* (p.40-41) (BRZEZINSKI 2002, p.139)

Cabe aqui fazer uma rápida análise. A primeira professora traz a ideia de “dom”, que de certa forma precisa ser revista. Ninguém nasce professor. Na realidade nos tornamos professores, e para tanto, se exige muito estudo e muita dedicação, além de “muito esforço, conhecimento, dedicação, compromisso e responsabilidade” conforme afirmado pela segunda docente. A terceira professora relata o dilema entre as dificuldades do ato de ensinar e as situações de entusiasmo. Ela narra, como diz Paulo Freire à “boniteza” do ato de ensinar traduzida na esperança de contribuir para a formação humana.

Quadro 3 - Por que você escolheu a da docência?

D1	No começo foi uma oportunidade que eu tive de ser professora, me empurraram para a profissão e depois disso comecei a gostar do que eu estava fazendo. Tenho experiência tanto nas escolas privadas como na pública. Minha mãe trabalhava na zona rural em dois horários, não estava conseguindo conciliar, foi então que ela perguntou se eu queria ensinar no lugar dela em um dos horários, como eu queria trabalhar aceitei. Num dia fui até a prefeitura conversar com a secretária de educação da época que já estava por dentro do assunto e no outro já comecei a ensinar. Foi uma experiência boa, aprendi muito com as crianças, com um tempo precisei me ausentar, voltei trabalhando em escolas privadas e depois na rede municipal novamente.
D2	Porque ser professor é uma das profissões mais bonitas e mais gratificantes. Apesar de ser uma profissão árdua, sem dúvida, mas bela. Temos o privilégio de contribuir no aprendizado e acreditando no potencial dos nossos alunos.
D3	Eu não escolhi, foi minha mãe que escolheu, quando terminei o nono ano que na época era a oitava série, ela falou que eu iria estudar em Sapé na escola normal “Magistério”. Sem questionar ou pensar que seria ruim eu concordei. O tempo me fez gostar de ser professora, pois no início não me identifiquei, ensinava porque tinha que pagar passagem para ir à escola, na época trabalhava em uma escola privada. <i>Só vim me identificar e me apaixonar pela profissão quando comecei a lecionar na rede pública.</i> Foi onde me encontrei.

D4	Por saber que de forma direta contribuo todos os dias para uma educação melhor, contribuo para o desenvolvimento sócio cultural de crianças que em algumas vezes tem restrições em casa.
----	--

Fonte: Entrevistas Aplicadas

Compreender quais rumos à profissão docente está seguindo é um dos pontos fundamentais. Determinados docentes seguem na carreira porque gostam e se identificam, enquanto outros apenas visam o retorno financeiro, permanecendo na profissão por necessidade. Em contrapartida, é importante que os profissionais da educação tomem conhecimento da grandiosidade desse meio, pois existe um contato direto com crianças, seres humanos que estão em “construção” em diversos aspectos, tais como: caráter, personalidade e identidade.

Segundo os dados coletados nessa pesquisa, quatro professoras, mesmo tendo nortes distintos em relação à escolha pelo ato de ensinar, tenha sido por indicação, necessidade ou pela vontade da mãe, independente da diferença o lado humanizado se encontra presente nelas.

Percebe-se que duas das professoras entrevistadas escolheram a profissão. As outras duas relatam que foram “conduzidas” a esta escolha. Apesar dessa diferença elas deixam claro o amor, apego, a responsabilidade e compromisso para com a profissão e para com o aluno. Segundo SPAGOLLA p. 4, para Vygotsky (1996),

Quando se compreende a base afetiva da pessoa é que é possível compreender o pensamento humano. Ou seja, as razões que impulsionam os pensamentos, encontram suas origens nas emoções que as constroem. Evidenciam-se, portanto, a mútua relação entre as esferas afetivo/cognitivas, influenciando-se no processo evolutivo do conhecimento⁶.

No tocante a importância de identificação com o exercício da docência, as professoras entrevistadas, apesar de duas delas não terem escolhido a profissão, houve uma identificação. Cabe ressaltar que, muitos ingressam para o exercício da docência pela facilidade que encontram num dado momento, mesmo sem a menor identificação com a prática. Este fator tem-se configurado como um grande entrave para a educação e precisa ser questionado, analisado.

⁶ A referência mencionada encontra-se sem o ano, mas o texto está disponível em: AFETIVIDADE: POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADA E HUMANIZADORA: Artigo científico produzido no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Secretaria de Estado da Educação – SEED. Orientador UENP: Professor Dr Antonio Carlos de Souza. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2343-8.pdf> acesso: 28/05/2019

Quadro 4 - Pergunta 03: Hoje o que faz você continuar na educação?

D1	O amor pela profissão é a única coisa que me faz continuar. Já tive vontade de desistir, ano passado eu estava decidida a não trabalhar esse ano, porém não parava de pensar nos meus alunos, como eles iriam ficar sem mim. Minhas colegas de trabalho ficam perguntando como é possível eu gostar tanto da profissão e das responsabilidades que ela nos traz. Identifico-me na educação em sala de aula, se preciso, dependendo da idade eu sento no chão, brinco. Sempre que posso levo algo diferente, isso me faz bem.
D2	O fato de acreditar que a educação é a porta de mudança para os diversos problemas na sociedade e ser professor me torna peça fundamental nesse processo.
D3	Pretendo continuar na educação porque ajudar, ensinar, levar conhecimento, acreditar nas crianças é forte, me faz bem. Porém não tenho planos de continuar na sala da aula. Quero seguir o caminho da educação para poder mostrar que toda criança tem a capacidade de aprender. Pretendo atender nas escolas crianças com algum tipo de transtornos, deficiência, déficit de aprendizagem, qualquer problema, para isso irei iniciar um curso de Psicologia, para poder aplicar métodos que ajudem às crianças, seja eu estando dentro da sala de aula ou fora dela, contanto que seja na escola, na educação. Percebo nas crianças, que quando acontece algo em casa, que mexe com elas, por não saber lidar com a situação, ela pode ficar transtornada como já teve caso e leva o problema para escola, seja fome, abandono familiar, entre outros que acaba atrapalhando o seu aprendizado. Nós professores temos que estar atentos a isso, o que não é fácil por você não ter o ensinamento sobre, com isso não tem a mesma capacidade que de uma pessoa que se formou na área. São situações difíceis para percebermos e lidar. Professores ficam loucos quando tem um aluno que tem um problema e ele não sabe o que fazer para ajudá-lo.
D4	O amor que tenho pela minha profissão. Tenho orgulho do que faço, me sinto realizada por saber que estou plantando sementes por aí e espalhando bons frutos.

Fonte: Entrevistas Aplicadas

Continuar na educação nos dias atuais é um desafio para os docentes, postos os obstáculos diários, percebe-se que grande parte dos professores (as) não desistem da educação, apesar das lutas diárias, eles sonham com uma educação melhor, com a valorização da mesma e do seu trabalho. Diante da análise dessa pergunta, as professoras entrevistadas deixam explícito que a esperança na mudança, o amor pela profissão, a crença na criança de hoje é o que lhes fortalece para continuar.

O olhar do professor, sua identificação com o meio os leva a ajudar, ensinar, a continuar no processo de desenvolvimento transmitindo conhecimento.

“Ser professor em processos difíceis, é fundamental”, como citou a D2.

Quadro 5 - Quais as dificuldades que você enquanto docente enfrenta no seu cotidiano? (social e educacional)

D1	A dificuldade que eu encontro na educação, de preferência na pública, é a falta de interesse dos alunos, os alunos não têm interesse nenhum. A falta de compromisso com eles e com os pais. Eu cobro e os pais não cobram em casa, muito antes vem cobrar da gente, porque às vezes a gente faz uma punição com o filho que a
----	---

	<p>mãe não gosta e acha que estamos erradas, por ter punido o filho. A falta de respeito com os professores nos causa impacto, está sendo difícil educar nos dias de hoje.</p> <p>No tempo em que eu era criança na escola a professora só bastava olhar para a gente que já sabíamos o que ela estava querendo dizer. Hoje em dia a professora reclama, chama a atenção e os alunos não estão nem aí, pelo contrário, ficam nos xingando. Não se tem respeito mais pelo professor em sala de aula. De vez enquanto vemos casos de professores sendo agredidos por alunos dentro de sala, é triste, revoltante, é muito difícil. Fora que os pais não dão nenhum incentivo aos filhos (as), acredito que as mães do município só pensam no bolsa família, elas não pensam se o filho está ali para aprender, se para crescer profissionalmente, ter uma boa formação. Outra dificuldade é quando eles saem de casa sem comer, desde o início da aula até o intervalo eles só focam na merenda. É uma realidade completamente árdua. No início eu queria cobrar demais dos meninos, batia de frente, as mães vinham no outro dia e era aquela confusão. Aí minhas amigas diziam que eu não podia pensar que eu não estava em uma escola privada, mas sim, numa pública, a qual é completamente diferente.</p>
D2	A falta de recursos e a falta de respeito e reconhecimento são uns dos principais problemas encontrados atualmente no exercício da docência.
D3	<p>São muitas, uma é a fome, minha colega de trabalho e eu levamos pão, ou biscoito para dar as crianças de nossa sala, antes de começarmos a aula, porque essa minha colega percebeu que a turma dela que hoje é a que faço parte, não estava tendo rendimento e que às sete e meia eles já ficavam inquietos perguntando pelo lanche e só ficavam dispersos.</p> <p>A família também é outro obstáculo, às vezes ela ajuda e às vezes só atrapalha, os pais da escola em que trabalho principalmente. Eles não respeitam o professor, eu já fui chamada (xingada) de tudo que você pode imaginar. Só porque eu perguntei para a mãe porque o aluno não tinha feito a tarefa de casa. Todos os dias outra professora era desrespeitada. Diante da situação, tomamos a atitude de colocar um cartaz grande na porta de nossas salas, com aquela lei que fala que desacato ao funcionário público é crime. Foi como amenizou mais. Em meio a tantas dificuldades <i>o que mais pesa, é a fome e o desrespeito.</i></p>
D4	A dificuldade na aprendizagem vem sendo um grande problema nos últimos anos, escola desestruturada e apoio familiar.

Fonte: Entrevistas Aplicadas

O apoio familiar é essencial no cotidiano do professor, o mesmo influencia na didática, no desenvolvimento das aulas e do aluno. Portanto, se não há reciprocidade entre o docente e a família, a atuação desse profissional ficará cada vez mais complexa, como é observado no cenário educacional atual. Percebe-se, no entanto, que ainda há um distanciamento considerável entre os docentes e as famílias. De acordo com as professoras entrevistadas, poucos são os pais que se preocupam com a educação do filho (a), como se pode ver no relato da D1. Para as docentes, há mais preocupação com o recebimento do valor referente ao Programa “Bolsa família” do que com o aprendizado dos seus filhos e filhas. Além disso, percebe-se atualmente, que grande parte dos pais estão delegando para os professores e para escola, responsabilidades

exclusivas da família, exigindo que as instituições escolares cumpram papéis que não pertencem a elas. De acordo com Dessen e Polonia (2007) “a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”.

Outro desafio que ficou latente na fala das docentes é a questão do desrespeito ao professor, que tem se configurado um grande problema na atualidade. As redes sociais têm colaborado para tal, bem como as novas políticas e discursos governamentais. Cada vez mais o professor sente-se sozinho, e agora amplamente vigiado e desautorizado socialmente. Uma nova proposta de pesquisa poderia focar nesta desautorização do docente, ou mesmo nestas políticas de desprofissionalização que estão em voga e seus reflexos na escola.

A falta de recursos para o desenvolvimento do trabalho, a desestruturação familiar e mesmo as condições financeiras e sociais das famílias também influenciam e ocasionam necessidade de superação por parte dos docentes.

Quadro 6 - Existe relação entre teoria e prática?

D1	Não, porque as dificuldades que os professores têm em sala de aula, não tem como você fazer o que está na teoria. É muito diferente. As pessoas acham que a educação é uma coisa linda maravilhosa, que todo mundo quer ser professor, mas não é. Quando você vai realmente para o dia a dia, você vê que aquilo que você aprende é um conto de fadas, que muitas vezes nem existe. Só na teoria, porque na prática não.
D2	Claramente uma não anda sem a outra, são complementos necessários. Porém coloca-las lado a lado é trabalhoso por causa da realidade.
D3	Mais ou menos. A teoria na prática não fica igual, mas às vezes dá certo, depende das circunstâncias, principalmente quando você estiver na teoria de um plano de aula, você planeja tudo direitinho, mas quando chega na escola não tem aquilo que você precisa para desenvolver sua aula, por mais simples que seja, sempre há gastos, se você também não estiver com dinheiro para comprar e aí?... Às vezes queremos fazer uma coisa grande, mais não estamos com condições para pagar. Sempre o professor põe do seu próprio dinheiro, tanto para elaborar como para aplicar. Quando você tem dinheiro para comprar tudo bem, mas quando se encontra apertado, fica difícil. Também a falta de formação influencia nessa reciprocidade, cito como exemplo comum quando nós professoras (es) não sabemos lidar com tal deficiência, por não ter tido uma formação. <i>Era para os órgãos trazer para as cidades formações para lidar com esses casos.</i>
D4	Sim, a teoria bem executada na prática traz a capacidade do aluno de entender e resolver qualquer questão, as possibilidades do aluno ter um ótimo rendimento é grandioso.

Fonte: Entrevistas Aplicadas

De acordo com Rays (1996, p.40) “O desenvolvimento da unidade da teoria e da prática na ação pedagógica escolarizada nasce, pois, na especificidade da própria ação pedagógica,

como estratégia do trabalho docente”. Para toda elaboração de uma aula é necessário a presença da teoria e da prática, as mesmas guiam os professores no cotidiano, por isso a importância que elas sejam elaboradas e executadas de acordo com a realidade do aluno.

A falta de reciprocidade entre a teoria vai além do docente, ou seja, não depende apenas dele, requer outros envolvimento, dentre eles os órgãos governamentais em dar suporte em investimentos: com materiais para as aulas, na formação continuada dos professores, e também valorização salarial. Não adianta cobrar se não há instrumentos necessários para resolutividade.

Aprender é mais do que receber ou obter informações e conhecê-las ou compreendê-las é tornar o aprendizado parte do ser, implicando desenvolver-se com ele. Formar-se é um processo de aprendizagem que se realiza desenvolvendo-se individual e coletivamente dentro da cultura, incorporando-a, criando e recriando-a. (ALVARADO-PRADA; FREITAS; FREITAS, 2010, p. 369)

Uma análise das falas das docentes conduz à reflexão sobre o embate de concepções. Uma delas acha que a teoria é importante, ou seja, vê no estudo e na pesquisa a possibilidade de condução de sua prática. Já outra desconsidera totalmente a teoria, apontando que as soluções para os problemas práticos encontrados no exercício da docência, são encontrados na própria prática. Outro docente entrevistado se posiciona de maneira ambígua. Ela deixa claro que a teoria é “mais ou menos” importante, o que deixa dúvida sobre sua real concepção em relação à questão.

Quadro 7 - Para você, hoje qual o maior obstáculo para desenvolver uma prática produtiva?

D1	Eu acredito que o conhecimento em si dos alunos. Não tem como você pôr na prática aquilo que viu na teoria e ser produtivo, porque depende muito do aluno, se o aluno não quiser, não adianta. O professor pode fazer “chover” dentro da sala, mas não vai chamar a atenção deles.
D2	A produtividade da prática vem relacionada à falta de recursos, mas principalmente ao alunado, a forma que os alunos enxergam a figura do professor dentro da sala, favorecem ou mesmo limitam o exercício docente.
D3	São muitos, mais um dos é a estrutura da escola. Uma sala de aula, sem ar condicionado, ventilador, a sala cheia de aluno, um calor terrível, já imaginou? A tua aula está perfeita no caderno, ótima, você preparou com tanto amor, porém chega na sala não consegue alcançar o êxito porque as crianças estão agoniadas por causa do calor e não conseguem se concentrar e a gente perde o raciocínio por causa do calor, e vendo os alunos inquietos e reclamando. Ou seja, a aula não flui, nem conseguimos dar aula, nem o aluno consegue aprender. Também a falta de merenda, onde a escola tem que liberar, pois <i>com fome ninguém aprende</i> . Então não depende só de você professora, para ter uma prática produtiva, são vários fatores, dentre eles como já citei a estrutura, gestão da escola, corpo comunidade escolar, secretaria de educação, governo municipal ou estadual, caso seja do estado. Tem crianças que o motivo principal pelo qual estão na escola é a merenda, por

	não ter comida em casa. Não anda nada bem, a situação é preocupante. Só sabe quem tá vivenciando essa realidade.
D4	O interesse dos alunos e apoio familiar sem sombra de dúvidas que está escasso nas escolas, entre outros fatores que também contribuem.

Fonte: Entrevistas Aplicadas

Diante da análise são vários os eixos que colaboram para criação de obstáculos no cotidiano do professor, dentre os quais é possível elencar: a falta de interesse do alunado aparece em grande porcentagem no depoimento das docentes, como sendo um dos casos mais comuns e preocupantes, a falta de desejo pelo ensino, essa desmotivação pode acarretar uma série de consequências na vida escolar da criança. Como atraso no desenvolvimento (conhecimento), falta de atenção e interesse nas aulas, dispersão e inquietação.

Barreiras são construídas limitando a prática docente na sua execução, a infraestrutura da escola influencia tanto no aconchego, conforto dos funcionários e alunos, como também na didática do professor que precisa daquele ambiente para aplicar sua aula. A exemplo, do que adianta ter uma sala de informática com diversos computadores, se nenhum funciona? Do que adianta a professora na escola ensinar regras, impor limites em atitudes erradas, se quando chegam em casa os pais deixam “ao léu”?

Os obstáculos enfrentados pelo docente, não são causados apenas pela figura do professor, mas por determinadas pessoas, a exemplo do prefeito, da comunidade escolar, do apoio familiar, dos próprios alunos e também por alguns professores.

Cabe, no entanto, analisar que os entraves são sempre apontados como sendo provocados pelos alunos ou pela família, ou mesmo pela ausência de estrutura. Não desconsiderando estes fatores, é curioso o fato de em momento algum haver uma autoanálise, cujo foco passaria a ser a própria prática docente ou a organização desta no contexto escolar. Como estariam sendo planejadas e executadas as aulas? Estariam estas contemplando as necessidades e interesses dos alunos?

Quadro 8 - Você acha que a teoria auxilia a prática? Explique sua resposta:

D1	Em alguns momentos, sim. Tem coisas na teoria que colocando na prática dá certo, não tudo, mas algumas, muitas vezes dá certo. Por exemplo, concedi uma aula que foi através de frutas, antes tive que ir em busca da teoria, estuda-la, aprender para poder passar para meus alunos. Planejada na certeza que imprevistos podiam acontecer, como aconteceu; uma menina perguntou como era carambola em inglês e eu não soube responder, disse para ela que iria pesquisar e na próxima aula tiraria a sua dúvida, ela concordou, tanto eles como eu conhecemos outro nome de fruta.
----	--

D2	A teoria é sempre muito importante no exercício da prática, embora muitas vezes não seja possível de ser aplicada as reais condições do sistema, a teoria é o que nos baseia e nos direciona.
D3	Auxilia, pois quando você está precisando de um “norte”, tem a teoria para lhe ajudar, embora na hora da aula saia diferente, porque não será apenas aquele caminho desenhado, terá outros caminhos, para você se situar. Pois a teoria é um meio, que iremos transformá-la, situá-la de acordo com a realidade da nossa sala de aula. Ela só não auxilia aqueles que não têm nenhuma base teórica para embasar-se, o qual consequentemente não tem uma boa prática, que é o que mais acontece. E isso prejudica o aluno, pois essa didática sem planejamento, base teórica e adaptações não fluirá no aprendizado do aluno.
D4	As aulas práticas servem para os conhecimentos adquiridos na teoria. A interação de uma prática pedagógica fala muito do professor e o define de maneira autônoma e constrói daí sua definição.

Fonte: Entrevistas Aplicadas

É evidente que a teoria deve dar o suporte necessário às práticas docentes, pois é a base, a informação, o eixo norteador do professor, por meio das teorias é possível encontrar novas ideias, métodos e ferramentas, para auxiliar o educador em sua prática pedagógica diária. Em contrapartida, para que a união entre teoria e prática dê certo, é necessário que a teoria parta de acordo com a realidade das crianças, para que dessa maneira os objetivos buscados sejam alcançados, ocorrendo o completo rendimento nas aulas. A conversa com as docentes deixa clara essa dificuldade, uma vez que teoricamente se sabe os melhores caminhos a serem seguidos. No entanto, por vezes, os condicionantes extracurriculares atuam diretamente na escola, e impedem a concretização daquilo que, em termos teóricos, seria necessário para que a prática correspondesse a real necessidade dos alunos.

Ao final desta análise, mesmo que breve e simples, uma vez que o objetivo aqui não foi o esgotamento do assunto abordado, é possível afirmar que há um distanciamento entre o que se preconiza na universidade enquanto elementos constitutivos da prática docente, e o que se efetiva na prática. É possível afirmar ainda que este distanciamento é provocado pelos inúmeros condicionantes sociais que cercam a escola e que implicam diretamente na prática docente. Por fim, é possível chegar à conclusão de que, tais condicionantes se revertem em grandes desafios que muitas vezes estão além do alcance e das decisões do docente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa contribuiu para obtenção do conhecimento sobre teoria e prática pedagógica diante da realidade docente. Proporcionou um olhar aprofundado sobre a profissão de educador que tanto contribui no desenvolvimento da sociedade, em meio aos obstáculos diários que são enfrentados em seu cotidiano.

A crise de identidade docente constrói barreiras afetando a vida profissional e social do professor, assim como desmotivação, bloqueio didático, doenças, cansaço psicológico e físico dentre outros, o imobilizando em meio a realidade que se encontra a educação. O que parece corriqueiro acaba que prejudicando vidas e futuros, uma vez que os professores acabam por ser atingidos, e isso reflete na aprendizagem das crianças envolvidas nessa realidade. Há ainda uma preocupação com o distanciamento da família e com as expectativas desta em relação à instituição escolar e ao professor.

Como um docente em crise de identidade conseguirá inovar sua prática? Para haver êxito, a prática docente necessariamente deve estar conectada com a realidade dos alunos, no entanto esta realidade é mutável, devendo ser constantemente analisada e planejada. Daí a importância do conhecimento teórico. Neste sentido, o professor seria um estudioso constante, o que implica na necessidade de formação e materiais específicos.

Como já posto durante o trabalho, a inquietação principal que gerou esta pesquisa foi a tentativa de compreender como se dá essa relação entre o que se vê na universidade e sua execução prática, mesmo diante de tantos desafios presenciados no decorrer da observação presencial, no período do estágio. Assim, ao chegarmos ao final deste trabalho, há extrema necessidade de elencarmos alguns pontos que contribuem para que aconteça a ruptura entre a teórica e prática no cotidiano pedagógico docente, tais como: a evasão escolar, a ausência de respeito e autonomia docente, a precariedade do sistema, a falta de recursos e de investimentos financeiros, a ausência da família, a situação social das crianças (algumas em condições de vulnerabilidade social), o baixo nível de aprendizagem escolar dos alunos, dentre outros.

No caso da necessária presença da família, destaca-se na realidade o oposto: a carência dos pais no âmbito da participação na vida dos filhos na escola, a falta de compreensão e compromisso dos pais e alunos com professores. Diante do exposto, é possível afirmar que: embora hoje não exista mais leigos atuando como docente, pelo menos não no município foco desta pesquisa, grande parte das docentes tem graduação e até pós-graduação; embora os docentes, em geral tenham um tempo relativamente considerável em serviço, o que pode indicar

uma vasta experiência na área. É possível afirmar que a atividade docente continua cheia de desafios, hoje mais expressivos do que nunca. Mas mesmo em meio as dificuldades, é preciso ressaltar que ser professor é gratificante, é uma profissão que requer dedicação, amor, conhecimento, empatia, esforço, compromisso, responsabilidade, que vai além do profissionalismo. Ser professor é um ato humanizado de amor, doação e construção como disse Paulo Freire (2006). A escolha pela docência é algo relativo, vai de pessoa para pessoa, uns almejam ser professora desde cedo, já outras entram na profissão pela necessidade. Mesmo com pensamentos diferentes, todos e todas precisam ter passado por uma formação, seja magistério, ou acadêmica. É necessário o conhecimento e entendimento dessa área, pois não se nasce professor, torna-se professor, que é uma profissão de suma importância, que requer atenção e cuidado, pois lidar com aprendizado, conhecimento não é fácil, é uma tarefa difícil que desafia e requisita bastante atenção e identificação, pois o profissional que não se identifica pode prejudicar o desenvolvimento educacional da criança.

O amor mais uma vez aparece, o que nos leva a tê-lo como peça fundamental. É ele que faz acreditar na educação e em seu poder, que provoca uma preocupação com os alunos e seu aprendizado e futuro, e faz com que as docentes criem motivação para continuar, em meio aos obstáculos diários. A presente pesquisa demonstra que mesmo diante dos desafios os docentes cultivam a esperança e isso é fundamental neste processo.

É evidente que a falta de interesse dos alunos é uma das dificuldades enfrentadas pelo professor, bem como o fato de que os pais, que antes se importavam com a educação do filho, conversavam com os professores, e mantinham um vínculo de maior empatia com a escola estão totalmente diferentes. Hoje é possível afirmar a ausência da família na vida educacional das crianças, tanto em casa como na escola. É possível atestar também a falta de respeito de pais e alunos para com os docentes, o que de certa forma assusta e provoca desestímulo. Trata-se de uma realidade árdua que está presente no dia a dia do professor. Outro grande desafio é a falta de investimentos em materiais pedagógicos, estrutura física das instituições, a dificuldade no aprendizado dos alunos, bem como problemas de maior porte como a fome que é uma triste realidade existente nas escolas públicas, principalmente as de periféricos, onde a falta de valorização da sociedade e dos governantes com os profissionais docentes, menosprezando o seu trabalho e esforço é outro aspecto a se considerar.

Mesmo diante de tudo isto, persiste a necessidade de buscar saídas, de encontrar o caminho para que teoria e prática se encontrem em nome de uma educação humanística e de

qualidade. Talvez um dos meios para que se alcance tal objetivo seja a necessária união, empenho e cooperação de todos do meio educacional.

Para concluir, afirma-se aqui que a educação é um relógio de cordas, que funciona de acordo com a hora regulada pela pessoa que manuseou o relógio, fazendo uma pequena análise comparando esse horário, em alguns relógios ele estará adiantado, em outros atrasados e por fim, tem aqueles que estarão no mesmo horário. Portanto, por mais que existam regras, métodos específicos, planos de aula que são elaborados por profissionais do campo educacional, para serem postos em prática na sala de aula para os alunos, mesmo sendo uma única informação para todos, essa passa por processos distintos na vida de cada criança, havendo assim diferença no ritmo de aprendizagem.

Encerrando esta pesquisa, cabe salientar que, a sua importância residiu principalmente no fato de tomar como objeto as impressões, as concepções, os entraves e os desafios encontrados no cotidiano escolar, o que significa dar fala ao docente, ouvir sua voz e tentar captar seus interesses e angústias. Isto porque “no campo de educação, existem muitas pesquisas dirigidas para detectar a eficiência de diversos métodos de ensino. Outros exemplos podem ser encontrados na elaboração de testes e material instrucional.” (RICHARDSON 2012, p.16). Ouvir o docente, enquanto principal ator do processo educacional ainda se configura como o melhor termômetro para captar o que ocorre no cotidiano escolar.

Neste sentido, espera-se que esta pesquisa direcione para a execução de outras que possam, através da análise dos discursos docentes, entender o cotidiano escolar, e a partir de então, direcionar para políticas públicas a partir da base e para a base.

REFERÊNCIAS

ALVARADO-PRADA, Luis Eduardo; FREITAS, Thaís Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. Revista Diálogo Educacional, v. 10, n. 30, 2010, p. 367-387. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2464/2368>. Acesso em: 28 mai. 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Dimensões no estudo da prática escolar cotidiana. In: Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Ensinar a pesquisar: Como e para quê?** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Lições de didática. Campinas, SP: Papirus 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999 Apud BAZZANELLA, Sandro Luiz. O conceito de ambivalência em Zygmunt Bauman, p79.

BRASIL. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm Acesso em: 04 abr. 2019

BRZEZINSKI, Iria (org.) **Profissão Professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

DAMIS, Olga Teixeira. **Planejamento Escolar: Expressão Técnico-política de sociedade**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: O ensino e suas relações. Campinas, SP: Papirus editora, 1996.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Campus Universitário 'Darcy Ribeiro', Ins- 32 Paidéia, 2007, 17(36), 21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>. Acesso em: 28 mai. 2019.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Editora Martin Claret Ltda., 2005.

ENQUITA, M.F. **A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarianização**. Revista Teoria & Educação, n. 4, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 24, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 13, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua 2017: número de jovens que não estudam nem trabalham ou se qualificam cresce 5,9% em um ano**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21253-pnad-continua-2017-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-ou-se-qualificam-cresce-5-9-em-um-ano> Acesso em: 20 abr. 2019.

Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

PEREIRA, Liliana Lemus Sepúlveda; MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. **A Identidade e a Crise do profissional docente**. In: BRZEZINSKI. Iria. Profissão Professor: Identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano Editora, 2002.

RAYS, Oswaldo Alonso. **A relação teoria-prática na didática escolar crítica**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: O ensino e suas relações. Campinas, SP: Papyrus editora, 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Aprender: Uma ação interativa**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Lições de didática. Campinas, SP: Papyrus 2006.

ANEXO — ENTREVISTA COM PROFESSORA (O)**I – IDENTIFICAÇÃO**

Nome completo: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Faixa etária de ensino: _____

Vínculo empregatício: _____

Tempo de atuação profissional: _____

Formação: _____

II – RELAÇÃO DOCÊNCIA E IDENTIDADE**1. O que é ser professor para você?**

2. Por que você escolheu o caminho da docência?

3. Hoje o que faz você continuar na educação?

**4. Quais as dificuldades que você enquanto docente enfrenta no seu cotidiano?
(social e educacional)**

III – RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA**5. Existe relação entre teoria e prática?**

6. Para você, hoje qual o maior obstáculo para se desenvolver uma prática produtiva?

7. Você acha que a teoria auxilia a prática? Explique sua resposta:
